



3931 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**GÊNERO E EDUCAÇÃO SUPERIOR:** estudo comparativo de experiências de docentes em departamentos de maioria inversa ao seu sexo  
Rafaela Maria E Silva Ferreira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Érica Jaqueline Soares Pinto - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Maria Eulina Pessoa de Carvalho - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Este estudo explora a dinâmica das relações de gênero entre docentes da educação superior em departamentos de maioria inversa ao seu sexo em uma IFES nordestina, com base nas percepções de homens e mulheres. Foram realizadas quatro entrevistas com dois professores de departamentos "feminilizados" e duas professoras de departamentos "masculinizados". Os resultados demonstram que, apesar de romperem barreiras de gênero em suas escolhas profissionais, suas experiências ainda são genericadas.

**GÊNERO E EDUCAÇÃO SUPERIOR:** estudo comparativo de experiências de docentes em departamentos de maioria inversa ao seu sexo

Este estudo explora a dinâmica das relações de gênero entre docentes da educação superior em departamentos de maioria inversa ao seu sexo em uma IFES nordestina, com base nas percepções de homens e mulheres. Foram realizadas quatro entrevistas com dois professores de departamentos "feminilizados" e duas professoras de departamentos "masculinizados". Os resultados demonstram que, apesar de romperem barreiras de gênero em suas escolhas profissionais, suas experiências ainda são genericadas.

Palavras-chave: Gênero; Educação Superior; Carreiras Docentes.

## INTRODUÇÃO

A carreira acadêmica é demarcada pela divisão sexual do trabalho e conhecimento que opera separando e hierarquizando espaços de mulheres e homens (KERGOAT, 2009). Tal divisão dirige mais os homens às ciências naturais, tecnologia, engenharias e matemática - CTEM, marcadas por uma cultura competitiva e relacionadas ao contexto produtivo, pensadas como próprias do masculino (BOURDIEU, 1999); e as mulheres às ciências humanas, sociais e da saúde, voltadas ao ambiente reprodutivo, do cuidado, "do amor e do dever maternal", "virtudes" associadas ao feminino (KERGOAT, 2009, p. 68).

Contudo, há docentes que se inserem em universos acadêmicos e profissionais de maioria inversa ao seu sexo, podendo ser considerados/as como transgressores/as, conforme Marins (2009). Eles e elas vão de encontro ao discurso ideológico dominante, ou seja, a um *modus operandi* de toda cultura social, que engessa, naturaliza, universaliza e eterniza os sentidos e significações (SOUSA FILHO, 2011). Esses indivíduos reinterpretam e ressignificam a realidade e podem exercer resistências.

Cabe lembrar o caráter androcêntrico, historicamente constituído, da ciência (SCHIEBINGER, 2001) e da cultura em geral. Tanto a exclusão das mulheres do acesso à educação formal e à produção e apropriação do conhecimento científico e sua posterior inclusão com segregação (CARVALHO, 2006), quanto a proscrição daqueles que não se enquadram na masculinidade hegemônica (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013) deram-se e ainda se dão nesse contexto.

A perspectiva feminista propõe a desconstrução de tais divisões genericadas em geral. Para superar a segregação no contexto de ciências masculinizadas, recomenda-se a divulgação dos sucessos de mulheres em CTEM e a promoção de modelos femininos nas respectivas carreiras (CARVALHO, MOREIRA e SILVA, 2017), contudo, iniciativas análogas inexistem no contexto de ciências feminilizadas para visibilizar homens bem sucedidos.

Assim, a pesquisa busca compreender como homens e mulheres adentram espaços "estranhos" ao seu sexo/gênero e como se dão suas relações profissionais, partindo de uma análise comparativa das aproximações e distanciamentos entre as experiências de uns e de outras. Esses/as professores/as assumem que transgridem normas de gênero? Como se percebem como minoria no respectivo campo? Aqui se vale do conceito de campo de Bourdieu (1989): espaço de relações de força e de lutas entre agentes (indivíduos e grupos) pela hegemonia ou monopólio da autoridade, que dita as regras do jogo e reparte o capital simbólico do campo (prestígio, reconhecimento).

Consideraram-se feminilizados ou masculinizados departamentos que têm maioria significativa de um ou outro sexo, dentre os 82 departamentos existentes em um campus da instituição federal de ensino superior pesquisada. Os dados foram obtidos pelo Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas – SIGAA. Estabeleceu-se o recorte de quatro departamentos, dois feminilizados e dois masculinizados. Foram entrevistadas/os uma docente do Departamento de Matemática (DM), onde há 43 homens e 12 mulheres; outra do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental (DECA), com 32 homens e 10 mulheres; um professor do Departamento de Serviço Social (DSS), com 32 mulheres e 5 homens; e outro do Departamento de Habilitações Pedagógicas (DHP), com 35 mulheres e 8 homens. Respeitando o anonimato, optou-se por nomes fictícios.

## EXPERIÊNCIAS DOCENTES E RELAÇÕES DE GÊNERO

Os discursos sobre as motivações para a escolha do curso superior dos/as docentes apontam desconhecimento sobre a genericidade das profissões. Madalena (DM) revela que matemática sempre foi sua “paixão, então, acho que fui levada por esse caminho para ser professora de Matemática”. Já Emília (DECA) queria engenharia por identificação com um “tio que sonhava ser engenheiro elétrico”. Sérgio (DSS) diz que “não tinha muito ideia do que era meu curso de serviço social”, mas se identificou “com a ementa e o currículo”. Por fim, Pedro (DHP) escolheu devido ao contato com o magistério em experiência religiosa, então “a proximidade com as questões educativas foram me vinculando à área”.

Os/As docentes transgridem normas sociais genericadas ao escolherem cursos superiores dissonantes do que se espera socialmente para cada sexo, mas fazem isso sem consciência da transgressão. Emília e Pedro relatam que seus pais esperavam outras escolhas mais “apropriadas”: o pai de Pedro dizia que Pedagogia era “curso de mulher”, mas isso não “pesou” na sua escolha; o pai de Emília foi contra a sua opção, “pelo conceito de que Engenharia é de homem”.

Já ingressos/as na carreira docente, passam a vivenciar típicas desigualdades de gênero. Os homens podem se concentrar nos planos de carreira e na pesquisa; já as mulheres lembram do peso do trabalho doméstico e materno:

Comecei a ter experiência com pesquisa no mestrado. Ela foi definidora na minha trajetória profissional e acadêmica, é parte constitutiva também de minha forma de ser. Sem a pesquisa eu não teria nem arranjado o emprego em que eu estou (SÉRGIO – DSS).

Devido à minha inserção em grupos de pesquisa, minha produtividade, minha participação em redes de pesquisadores eu consegui ainda no mestrado fazer estágio sanduíche [...]. Me identifico como pesquisador, assumindo isso como um elemento que marca a maneira como eu me enxergo como pedagogo e como professor (PEDRO – DHP).

É muito mais aceitável o homem se afastar, por exemplo, pra uma pós-graduação. Mas a mulher se casou, teve filhos, já fica muito mais complicado pra continuar. Por isso que sempre evitei, resolvi tudo primeiro e “agora tá na hora de sossegar, ter um filho” (MADALENA – DM).

Minha mãe dizia: “Por que você não viu isso e não viu isso? [sobre trabalho doméstico]. Eu: “Eu vejo o que dá pra fazer e não morro por isso”. Ela: “Tu morre pelo trabalho”. Eu: “Nem por ele eu morro, mas eu procuro fazer muito bem o meu trabalho. Muito mais do que ficar fiscalizando coisas dentro de casa [...]”. (EMÍLIA - DECA).

Concorda-se com Saavedra, Taveira e Silva (2010, p. 53) que “a competição neste meio profissional torna mais difícil para as mulheres em início de carreira alcançar o equilíbrio entre o trabalho e a família”. Sérgio e Pedro, quando indagados a respeito do trabalho não-remunerado, não compreenderam que a pergunta tratava das atividades domésticas. Solteiros e sem filhos, disseram que “administram bem”, e contam com a ajuda de diaristas. Já Madalena passou a colaboradora na pós-graduação por falta de produção, que ela atribuiu à falta de tempo por causa dos cuidados com o filho; e Emília, que apesar de relatar que a maternidade “não atrapalhou” a carreira, abdicou do primeiro convite para ser vice coordenadora, “por causa do meu filho”.

Se as mulheres atuam profissionalmente, os homens ainda não assumiram efetivamente as tarefas reprodutivas na família. Isso é desvantajoso para elas, especialmente em áreas “masculinizadas”, cujos concorrentes não possuem iguais encargos domésticos, ao passo que se torna vantajoso para os homens em áreas “feminilizadas”.

Quanto às relações com os pares nos departamentos, já que são do sexo em minoria, as professoras e professores entrevistados relataram que:

Não percebo uma inferiorização da mulher aqui dentro ou do trabalho da mulher, não sei, talvez alguém possa pensar diferente. Não vejo não (MADALENA – DM).

Ser mulher num curso masculinizado é justamente mostrar que você pode desenvolver tão bem quanto eles. É mostrar igualdade mesmo, com seu jeito, sua personalidade. [...] Como dizia meu orientador: “mulher na engenharia tem uma certa magia, que encanta, que desafia”, e que pra alguns homens isso é motivo de desespero, e pra outros é motivo de ficar quieto. Então, alguns realmente vão te enfrentar, mas não tenho isso no meu departamento (EMÍLIA - DECA).

Me parece que como a maioria é mulher e o protagonismo das mulheres em meu departamento se evidencia em relação ao dos homens, talvez elas tenham uma margem maior de exercício de poder simbólico, do tipo a palavra final acaba representando um consenso entre elas. [...] Nas discussões que eu participei, proponentes vitoriosas eram mulheres. Mas não sei se isso reflete uma pauta de gênero (PEDRO – DHP).

A nossa relação dentro do departamento é muito respeitosa. Nunca houve nenhum caso de machismo ou de sobreposição masculina. A gente é muito paritário. [...] Agora, como somos poucos, o que a gente faz tem muita repercussão. A gente precisa tomar muito cuidado para não passar nenhuma impressão que possa ser interpretada de forma ambígua. A gente tem que ter cuidado, só isso (SÉRGIO – DSS).

Apesar de todos/as dizerem conviver amistosamente com seus pares, cabem algumas considerações. Madalena não percebe desigualdade provavelmente porque as barreiras de gênero são sutis onde o androcêntrismo está bem legitimado (GARCÍA; SEDENÓ, 2002). Por outro lado, Emília destaca que a mulher em um campo masculinizado necessita demonstrar igual capacidade e chega a ser vista sob uma aura de magia. Pode-se supor que se a presença de uma mulher num campo masculinizado não for “encantadora”, mas desafiadora, se ela for competitiva e incomodar seus pares, tal cenário poderia mudar.

Pedro identifica que as docentes, em maioria, são fortes na tomada de decisões em seu locus profissional. Já o discurso de Sérgio chama a atenção: mesmo reconhecendo que faz parte da minoria e exaltando o respeito entre pares, destaca o necessário autocontrole. Homens que, contrariando a lógica androcêntrica, não estão em posições de liderança, ao contrário de Madalena, sentem mais facilmente as relações de poder. Talvez isso os silencie e torne cautelosos, como indica Emília, afastando-os do exercício de poder típico da masculinidade hegemônica. Nesse sentido Connell e Messerschmidt (2013, p. 271) afirmam: “Masculinidades são configurações da prática que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo”. Logo, a hegemonia pode falhar onde eles são minoria ou não se

encaixem no modelo, já que as relações de gênero estão sempre tensionadas. Aqui se sugere pensar a dinâmica da masculinidade hegemônica em contextos onde os homens são minoria.

## CONCLUSÕES

A pesquisa buscou explorar as relações de gênero em departamentos acadêmicos masculinizados e feminilizados, a partir das percepções de docentes que são minoria sexual. Comprovou-se o fenômeno da divisão sexual e de gênero das ciências pela desigualdade numérica entre docentes homens e mulheres nos departamentos estudados. Este texto se interessou pelos/as estranhos/as ao campo.

As experiências se aproximam quando todas as escolhas se caracterizam como isoladas e sem influências das normas de gênero. A reprovação familiar é sentida por Pedro e Emília, demonstrando que os estereótipos de gênero afligem homens e mulheres. E distanciam-se à medida que as mulheres sofrem mais com a divisão sexual do trabalho na tentativa de conciliação profissão–casamento/maternidade, mesmo que não reconheçam, enquanto que os homens não apresentam qualquer dificuldade neste sentido.

Quanto à forma como se percebem como minoria, enquanto Madalena não percebe desigualdades de gênero, Emília revela que é preciso provar a competência feminina aos homens, driblando possíveis enfrentamentos. Já os homens reconhecem o poder feminino e se autorregulam. Isso reflete a lógica androcêntrica do campo: mulheres são vistas pelos homens como menos capazes de realizar atividades masculinizadas mas, subjugadas pela lógica dominante, elas não entram em confronto com eles; quando o jogo de poder se inverte, os homens em minoria no campo percebem mais facilmente o poder feminino, atípico, porém não se sentem deslegitimados, afinal a academia e a cultura são androcêntricas.

Contudo, os transgressores/as colocam em xeque estereótipos de gênero e possibilitam, com suas presenças, possíveis transformações. O jogo de poder nas relações de gênero fica evidenciado entre reproduções, invisibilizações e transgressões. O androcentrismo e a divisão sexual do trabalho e do conhecimento favorável aos homens podem ser enfrentados, mas requerem um investimento custoso às mulheres, ao passo que para os homens, que já têm reconhecimento, basta se conter e não se impor.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, Maria E. P. de. **Gênero e carreiras universitárias: O que mudou?** In: Seminário Internacional fazendo Gênero 7, Florianópolis, 2006.

CARVALHO, Maria E. P. de; MOREIRA, Josilene A.; SILVA, Ricardo M. da. **Gênero e CTEM: aonde estamos no caminho da igualdade?** Trabalho apresentado no Encuentro Científico Internacional e Intermedio del Comité de Sociología del Género de la Federación Española de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Valencia, 2018.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

GARCÍA, Marta I. G.; SEDEÑO, Eulalia P. Ciencia, tecnología y género. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad y Innovación**, n. 2, jan./abr., 2002. Disponível em: <<https://www.oei.es/historico/revistactsi/numero2/vari02.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2018

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Trad. Vivian Aranha Saboia. In: HIRATA, Helena *et al* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SAAVEDRA, Luísa; TAVEIRA, Maria do Céu; SILVA, Ana Daniela. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-59, jun. 2010.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SOUSA FILHO, Alípio. Ideologia e transgressão. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 207-224, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2011000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 nov. 2017.